



Psicanálise em perspectiva

Espaços possíveis para a
construção de diálogos
interinstitucionais

Coordenadora: Maria Lúcia Castilho Romera
Orgs: Leda Maria Codeço Barone et al.
Editora: Edufu, 2021, 420 p.

Resenhado por: Rodrigo Sanches Peres¹

O nascimento da psicanálise modificou profundamente a visão do homem sobre si mesmo, pois proporcionou novas matrizes de inteligibilidade acerca do mundo psíquico. Em contrapartida, a revolucionária criação de Freud, como ele mesmo sublinhou, produziu uma ferida narcísica de difícil cicatrização, ao revelar que uma infinidade de aspectos de nossa existência tende a ser definida por forças que insistem em escapar à consciência. Esse, sem dúvida, é um dos motivos pelos quais a morte da psicanálise foi decretada tantas vezes, desconsiderando-se que, com seus erros e acertos, a ciência dos processos mentais inconscientes se encontra enraizada na cultura ocidental, além de ter se difundido sobremaneira em alguns países do Oriente.

De qualquer modo, a psicanálise, por seu caráter dinâmico e complexo, ainda deve ser enquadrada como *work in progress*, conforme observou o brasileiro Cláudio Laks Eizirik em seu discurso de posse para a presidência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em 2005. Posteriormente, esse autor defendeu que, na atualidade, a produção de conhecimento psicanalítico demanda o distanciamento de fórmulas repetitivas e a exploração de novas possibilidades de interlocução com outros saberes (Eizirik, 2006). O congratamento entre instituições psicanalíticas e instituições universitárias tem se revelado, há algum tempo, bastante positivo nesse sentido, graças à superação de alguns desencontros iniciais, resultantes de hesitações e resistências de ambas as partes.

Reconhecer tal fato, cabe esclarecer, em nada diminui o valor dos importantes progressos viabilizados pelo trabalho clínico empreendido diuturnamente por milhares de psicanalistas ao redor do mundo em seus consultórios. Outrossim, é preciso ressaltar que a psicanálise tem auxiliado a universidade a desempenhar seu papel, enriquecendo ações de ensino, pesquisa e extensão

1 Doutor em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

em diferentes áreas. Incontestáveis evidências dessa frutífera bilateralidade podem ser encontradas na obra *Psicanálise em perspectiva: espaços possíveis para a construção de diálogos interinstitucionais*. Trata-se do derradeiro volume da trilogia resultante de uma parceria firmada entre a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Tal parceria foi coordenada por Maria Lúcia Castilho Romera com base em seu trânsito pelas duas instituições citadas: na primeira, exerceu a docência; na segunda, segue na ativa, como membro efetivo. É necessário salientar que a colaboração de colegas, na condição de organizadores do livro ou de autores dos capítulos que o compõem, permitiu a Maria Lúcia construir uma publicação de fôlego. Assim, os escritos compilados recobrem, cada qual à sua maneira, um vasto leque de tópicos relevantes no meio psicanalítico contemporâneo, e invariavelmente convidam o leitor à reflexão. Logo, a obra se sobressai como uma referência valiosa para estudantes, pesquisadores e profissionais, oriundos de variados campos, que se interessem pela compreensão de questões humanas a partir das lentes psicanalíticas.

As duas primeiras seções do livro reúnem textos concernentes às comunicações apresentadas em eventos psicanalíticos por autores que se ocupam de atividades clínicas e/ou acadêmicas em cenários diversificados. De cada uma dessas seções, destaco dois capítulos, devido à impossibilidade, pela restrição de espaço, de discorrer sobre todos. Em um deles, Roosevelt Cassorla situa as relações entre instituições psicanalíticas e instituições universitárias através do delineamento e da problematização de intervenções no campo da saúde, levando em conta a dialética individual-coletivo. Já Sara Zac de Filc reporta a fundação, em 2005, de uma instituição universitária no seio de uma instituição psicanalítica. Dessa forma, discorre sobre o inovador processo de implementação do Instituto Universitário de Saúde Mental (Iusam), que se encontra abrigado na Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

Na segunda seção, Ernesto René Sang sustenta, no escrito de sua autoria, que a supervisão de atendimentos psicoterapêuticos, nomeadamente no âmbito de cursos de graduação e pós-graduação, se afigura como uma situação propícia para a reafirmação da centralidade da noção de realidade psíquica para a psicanálise. Na sequência, Maria Auxiliadora Borges dos Santos relata sua experiência como responsável por um grupo de estudos voltado à equipe de um serviço de saúde especializado em transtornos alimentares. Sendo tal serviço situado em um hospital universitário, a autora descreve uma iniciativa que articulou a qualificação da assistência em saúde e a transmissão da psicanálise na universidade de maneira auspiciosa, mas ainda pouco frequente no Brasil.

A terceira seção, inicialmente, se subdivide em um bloco de escritos que, em um sentido mais amplo, tematizam o amor a partir de formulações

lacanianas. Todavia, o quadro conceitual de tais textos é ampliado pelo diálogo com outros saberes, como se observa naquele assinado por Margarete Domingues, em que é urdida uma aproximação da psicanálise com a literatura por meio de um romance de Clarice Lispector. Com autoria múltipla, os capítulos subsequentes constituem um conjunto que aborda, com recortes específicos, um mesmo projeto, desenvolvido por membros de uma instituição psicanalítica mediante uma exitosa incursão na educação infantil. Portanto, o estabelecimento de relações entre a psicanálise e a universidade, de certa forma, acaba sendo delegado ao leitor na terceira seção.

Contudo, é relativamente simples perceber que tópicos relacionados àqueles contemplados no bloco de escritos que abre a terceira seção podem render dissertações e teses muito interessantes. A meu ver, o ódio – externalizado cotidianamente com veemência na atualidade – é um desses tópicos. Afinal, como observou Simanke (2019), tanto no pensamento freudiano quanto em seus avanços contemporâneos, o ódio é compreendido como paixão fundamental, primária no tocante ao amor. O próximo bloco de escritos, por sua vez, inspira ações direcionadas à interação da comunidade universitária com diferentes setores da sociedade, a partir do prisma da clínica extensa, em consonância com a derivação da psicanálise para além de seu setting tradicional, proposta no país por Fabio Herrmann.

Já os textos que integram a quarta seção do livro são originários, basicamente, da interlocução formalizada entre jovens pesquisadores e psicanalistas experientes em torno da discussão de manuscritos resultantes de pesquisas fundamentadas, em termos teóricos ou metodológicos, na psicanálise. Ao final dos capítulos encontram-se seus respectivos pareceres, seguidos de uma réplica dos autores, o que remete ao *modus operandi* de exames de qualificação e defesas de dissertações e teses. Tal formato, assim, espelha o processo de socialização de saberes visado nos referidos rituais acadêmicos e nos permite entrever reverberações suscitadas nos psicanalistas pelos manuscritos e nos pesquisadores pelos pareceres, bem como elaborações subsequentes.

Da quarta seção seleciono três capítulos, a fim de ilustrar a diversidade que a caracteriza. Em um deles, Mariana Paula Oliveira explora questões de gênero com foco na crise identitária masculina contemporânea. O texto procede de um estudo teórico que segue a trilha deixada pelos estudos freudianos sobre a cultura, infelizmente negligenciada por muitos de seus discípulos. Em outro capítulo, Cristianne Spirandeli Marques e Marema Pereira Benfica analisam, com base em material empírico, o lugar do cansaço no quadro clínico das condições depressivas. Os participantes da pesquisa foram estudantes e trabalhadores do campo da educação, e a coleta de dados foi feita por meio de entrevistas. Na sequência, Elisa Aires Rodrigues de Freitas e Luiz Carlos Avelino da Silva se debruçam sobre as vivências do *adolescens* conforme

reportadas em blogs. Portanto, lançam mão de uma fonte de informações cada vez mais privilegiada para a abordagem de uma miríade de questões humanas no contexto da digitalização do cotidiano que presenciamos nos últimos anos.

Diante do exposto, a leitura do livro em pauta me fez recordar de um artigo no qual Dreher (2008) assinalou que a psicanálise contemporânea se caracteriza pelo pluralismo na teoria, na pesquisa e na clínica, e defendeu que tal conjuntura, embora possa suscitar certo desconforto, deve ser encarada como sinal de vitalidade. Este louvável projeto editorial não deixa dúvidas a respeito e me leva a celebrar com entusiasmo o lançamento de *Psicanálise em perspectiva: espaços possíveis para a construção de diálogos interinstitucionais*. Para concluir, é importante sublinhar que, a fim de estimular a difusão de conhecimentos psicanalíticos, a obra se encontra disponível para download, gratuitamente, no site da Editora da Universidade Federal de Uberlândia.²

Referências

- Dreher, A. U. (2008). Pluralismo na teoria e na pesquisa: e agora? (E. V. K. P. Susemihl & E. V. L. Kunze, Trads.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), 131-153.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 171-172.
- Simanke, R. T. (2019). Além do bem e do mal: algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(1), 125-148.

Rodrigo Sanches Peres
rodrigossanchesperes@ufu.br